

Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Imprensa e Estofaria
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras — Não se devolvem os originais — Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VIII — N.º 2316

DIÁRIO DA MANHÃ

A BATALHA

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DOMINGO, 20 DE JUNHO DE 1926

Desmascarando uma ficção

Quando os acontecimentos não tinham assumido as actuais proporções, apreciamos a hipótese da ditadura militar — que era por um paradoxo curioso defendida por civis — e demonstrámos que ela era inexequível, desde que não lhe fosse emprestada qualquer finalidade estranha à política.

Provámos — e reptamos qualquer dos miseráveis que sonham com imperialismos idílicos a afirmar o contrário — que o exército, pago pelo Estado e absorvendo uma parte importante do dinheiro dos contribuintes, não era uma ideia mas uma força, força que residia essencialmente na disciplina, numa rígida disciplina. E essa disciplina só existe desde que o exército limite a sua ação à que lhe é traçada pela sociedade burguesa organizada. E a sociedade burguesa mantém o exército para que sirva de esteio ao Estado no interior e para defender as fronteiras quando outro Estado as ameace. E esta é a função do exército — a de fazer política não lhe pode ser atribuída.

Contudo, o exército tem sido mais civil do que militar, corroborando assim os factos da história política portuguesa que comprovam que Portugal não é nem nunca foi um país militarista. A política tem sido feita por militares; militar foi Machado dos Santos, o fundador da República, militares foram os de 13 e 5 de Dezembro. Também não foram civis os que iniciaram a revolta de Monsanto, nem a de 20 de Maio, nem a de 18 de Abril e a de 19 de Julho, nem mesmo esta que derrubou António Maria da Silva. Militares foram quase todos os ministros da República, militares têm sido a maioria dos chefes políticos.

Os próprios chefes do movimento não são estranhos à política. Menezes Cabeçadas está filiado na União Liberal Republicana, Gomes da Costa foi candidato do Partido Radical, a deputado por Evora, nas últimas e recentes eleições. Filomeno da Câmara e o general Carmona são nacionalistas; Raúl Esteves e uma cohorte luzida de oficiais são indefectivamente monárquicos.

O ministério a que presidiu Cabeçadas estava cheio de políticos. Menezes dos Remédios é monárquico; Oliveira Salazar é retintamente reaccionário e Manuel Rodrigues é filiado no partido católico do Lino Neto.

No ministério da Guerra, ministério essencialmente militar mesmo nas situações civis, está ocupando um posto de confiança o sr. Carlos de Ornelas, civil e monárquico integralista.

O A B C publicou, no seu último número, uma fotografia de oficiais do exército de Sacavém, rodeando os srs. Cabeçadas e Gomes da Costa. Pois, no meio desse grupo, restritamente militar, lá estava, soridente e reluzente, o mesmíssimo sr. Carlos de Ornelas, civilíssimo e monarquissimo.

Segundo se depreende das declarações dos amigos fardados e à paisana do sr. Cabeçadas, este foi apeado em consequência dumha porfia intriga travada entre oficiais monárquicos e republicanos.

O programa lido em conselho de ministros pelo general Gomes da Costa era retintamente monárquico-integralista. Basta recordar que dele faziam parte os princípios essenciais da *soi-disant* monarquia orgânica tradicionalista, sendo dela indícios a supressão do parlamentarismo, a religião católica feita religião do Estado com o reconhecimento da capacidade jurídica da Igreja e a liberdade de «ensino» católico; a revogação da lei do divórcio, a instauração da pena de morte, e a criação do sindicalismo orgânico.

Estas ideias não são militares, são monárquicas. Uma ditadura militar que as preconise é, no sentido rigoroso dos termos, uma ditadura monárquica ou pró-monárquica.

* * *

Os últimos acontecimentos, que se círam na imposição da saída de Menezes Cabeçadas, provam que a circunstância principal que deitou abaixo o presidente do ministério que era o chefe da revolta — é bom não esquecer — consistia no facto de estêr ser republicano. E os jornais que defendem a ditadura militar, que são os jornais monárquicos, diziam que ele era prejudicial ao movimento — por ser republicano!

Não vá daqui inferir-se que o general Gomes da Costa seja monárquico, nem o contrário. Sobre este ponto — nós que não somos nem uma coisa nem outra, mas sim sindicalistas — recordamos que uma entrevista que o general Gomes da Costa concedeu ao *Diário da Tarde* foi interrompida pelo oficial do exército sr. Pinto Correia, que fez sentir que ela estava sendo inconveniente. Inconveniente — a quem? Deixando sem resposta a interrogatório, não deixaremos contudo de fazer notar que o sr. Pinto Correia defende, com entusiasmo, pontos de vista nitidamente monárquicos.

Com pseudônimos ou com os nomes por extenso, estão, na imprensa, defendendo ideias, oficiais do exército. Coisa curiosa e sintomática: nem dêles é pela ditadura militar; ou são pela monarquia ou pela república.

Mas onde há ditaduras militares, fora e acima da política? A de Primo de Rivera? Essa teve e tem um objectivo político: salvar a monarquia de Espanha que estava muito comprometida com as derrotas do Riff, de que era principal culpado Afonso XIII, devido à sua interferência desastrosa e nitidamente anti-constitucional.

* * *

Podemos falar com desassombro, visto não sermos monárquicos, nem republicanos, mas sim sindicalistas. A nossa ação cifra-se na defesa das classes trabalhadoras e é na defesa das suas liberdades, dos seus interesses e das suas regalias que nortearmos a nossa ação.

A nossa análise à ditadura militar tem por objectivo destruir uma ficção — e disso não passa a ditadura militar defendida por monárquicos. Estamos convencidos de que se está estabelecendo no exército uma intriga política destinada a repor no país o regime deposto. Denunciamos-la novamente. E denunciamos-la porque os que a promovem querem reduzir à mais ignobil das servidões a classe trabalhadora. Por isso — e por mais nada.

Partilhando o saque

LEIAM A'MANHÃ

Suplemento semanal
DE

A BATALHA

SUMÁRIO:

Triunfo ou derrota, por Ferreira de Castro.

Tirania dissimulada, por Eugénio Navarro.

O movimento sindical revolucionário, entrevista com Cristian Cornelissen, por M. J. de Sousa.

Folguedos de Junho.

A história e os efeitos da imprensa clandestina, pelo Reporter X.

A profissão de jornalista, por J. B. Marrocos depois da vitória do inimigo, por F. de C.

O que todos devem saber. Chico, Zecas & C. A.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Uma insubordinação em artilharia 3

A falta de alguém, "A Batalha" ouve o portão do quartel

Ontem, logo de manhãzinha, circulou pela cidade, quase em segredo, o boato de que, lá para os lados da Ajuda, em artilharia, algo de grave se passava, uma sublevação ou coisa parecida. Conhecedores do estado de espírito da soldadesca, cansada, estiolada de tantas marchas e privações sem objectivo definido, não estranhámos; mas, na ansia de bem informar-mos os nossos leitores, resolvemos pormos de abalada até Belém.

Um amigo dedicado ofereceu-nos um lugar num taxi. O simpático e elegante paulinho correu veloz quanto lho permitiu os regulamentos policiais, e breve nos colocou diante do grande portão de ferro da sede do grupo 3 de artilharia 3. Em torno o ambiente é frio, normal. Dirigimo-nos à sentinelas, um recruta, rapaz vivo mas de linguagem viva — à liberdade e ao licenciamento, ao mesmo tempo que se aclamava a libertação dos três soldados presos em Monsanto. O tumulto foi enorme.

Apareceu o oficial de dia, por coincidência o tal alferes Macedo, que, apavorado, pediu que se acalmasse e reservasse pira de manhã os seus protestos que, postos com ordem, seriam necessariamente ouvidos. Os protestos redobraram, afirmando os insubordinados que estavam fartos de ser tropa e não dispõem de serem tratados a bofetada por quem, afinal, os galões, é tão homem como eles...

Interrompemos a louquice do nosso amigo portão e sempre disfarçados para que a sentinelas não desconfiasse, preguntámos:

— E os recrutas?

— Aquela agitação acordara-os; mas dois cabos foram convencê-los a não intervir.

— Depois...

— Apareceu o comandante, major Pereira Coutinho, que empregou a mais convincente dialetica para quietar os ânimos...

— E conseguiu?

— Conseguiu, depois de dizer que reconhecia um fundo de razão nas pretensões dos soldados e que logo de manhã trataria da forma de os satisfazer junto das instâncias superiores.

— E os promessas...

— Deitaram-se todos confiados — respondemos em tom de desalento o nosso entrevistado.

— E como se explica...

— Às 4 horas da madrugada, muito suprepticamente o quartel foi tomado por forças de recrutas de infantaria 1, cavalaria 2 e telegrafistas de campanha. As casernas foram invadidas, indo os soldados de baioneta calada e os oficiais de pistola apurada.

— Num ápice, as armas foram tiradas e só então os insubordinados, desertos, viram que mal lhes fôr o terem confiado na palavra do comandante.

— E, coitados, lá foram sob escolta, a pé, caminho de São Julião da Barra.

— Eram muitos?

— Uns 180, incluindo 9 cabos.

— Podiam ter resistido?

— O velho portão olha-nos entristecido e comenta:

— Olhe, meu caro, se em vez de confiar na oficialidade a rapaziada tem saído das casernas e se tem passado das peças, das metralhadoras e das munições que eram abundantes e têm tomado posições, não sei o que seria...

— Depois, convicto:

— Estou convencido de que as praças veem das regiões que os cercaram os secundários.

— Sim!...

— Pois se até já me constou que essas praças estão dispostas a pugnar pela libertação dos seus 180 camaradas...

Vinham abrilo. O portão, velho e simpático locutor, calou-se, e nós, mal esboçado um gesto de agradecimento, retiramo-nos discretamente.

Santos ARRANHA

Notas & Comentários

Até quando?

Há dias, num pequeno eco, fizemos sentir aos nossos leitores as condições em que se feito o serviço de combóios entre Lisboa e Sacavém, apresentando, ao mesmo tempo, os inconvenientes que a anomaliadade desses serviços trazem para o público que carece de se utilizar daqueles combóios. Da reclamação apresentada a administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses cuidou apenas de atender o segundo ponto: aumentar com mais uma carregueram o combóio que sai do Rossio, com destino a Sacavém, às 27 horas.

Quanto ao atraso do tramway, que devia chegar às 8,45 horas, ainda providências não foram tomadas. Até quando durará esta situação, srs. administradores da C. P.?

Amo que passou

Passou-se a cena no ministério das Colónias, quando o novo ministro ia assumir o cargo. A posse tinha terminado. O sr. Pina Lopes, que se encontrava presente, foi apresentado pelo presidente do ministério ao comandante Ochôa.

O general:

— Olhe que este já foi ministro das finanças.

O comandante Ochôa:

— Eu sei meu general.

O general:

— Até lhe pedi um favor e não mo fez. Um ajudante do presidente do ministério esclarece que o sr. Pina Lopes chegou a atender o pedido.

O general:

— Ah! então desculpe, e aperta a mão ao antigo ministro.

Uma "calixinha"

Talvez para nos comunicar um pouco de conforto nesta hora de amargas preoccupações, o Diário de Lisboa publicava ontem uma local, cuja novidade de informação nos sublinhava:

— Temos em grande atração o nosso registo de livros. Pedimos desculpas aos escritores que nos honram com as suas ofertas, mas declaramo-lhes que, na próxima semana, porermos tudo em dia.

O sr. general Gomes da Costa, segundo nos informam, teve que interromper a composição de uma obra sobre os nossos descobrimentos, a fim de ir a Braga tomar o comando das forças revolucionárias.

— O seu gesto, à parte de ser superior à nossa modéstia, justifica-nos perante a nossa própria consciência.

Os jornais tiveram que fazer a crônica do regresso ao quartel, descurso a do movimento literário.

— A medida que renasce a calma, elas voltam a pôr laures nas frontes inocentes e esperançosas da juventude que demanda Atenas e a Acrópole.

— Esta deliciosa local ainda nos permite longa disposição para um sorriso...

Réplica enérgica a um adversário das classes trabalhadoras, caluniador e covarde

J. Fernando de Sousa Nemo, activo conselheiro contra a república, e senhor omnipotente da hora, soube esperar que a situação militar estivesse suficientemente cercada de monárquicos, dos monárquicos que ele mandou ao assalto do regime, para nos atacar, com sua costumada manha jesuítica e sua pornográfica e orientação.

As atitudes de Nemo não são claras, nem transparentes. São arteiras, dissimuladas, velhas e escusas. Se aquele miserável revelasse as suas intenções, intenções que se traduzem em autênticas conspirações e verdadeiras ciladas, ficar-se-ia sabendo que aquele conservador, partidário da ordem, que ladra e mostra os dentes cariados às classes trabalhadoras, é um *meneur* abominável, com uma vida política feita, ininterruptamente, à margem da lei. Incorre sempre do primeiro dia ao último do ano, na prática oculta de delitos que levam à cadeia — a cadeia que ele não se cansa de pedir para os inocentes e para as suas vítimas.

Este *meneur* que deseja ver os que não pensam como ele abatidos a tiro e agonizando como báculos, o sangue das vítimas molhadas pelas decisões dessa quadrilha, alastrá incessantemente. Um dia todo isso será conhecido — e nessa altura Nemo, diante dum país, horrorizado e indignado, terá de seguir um recurso extremo: recolher à vida privada, dedicando-se às suas funções de engenheiro, de onde nunca, para bem do sossesso dos espíritos, se devia ter desviado.

Persiste este farcante em nos apontar como «perturbadores da vida nacional», o que é inteiramente falso. Os operários têm sido vítimas, e vítimas que não nasceram para a resignação, de toda a espécie de perturbadores e saltimbancos do feito deste Nemo.

As atitudes operárias são feitas à luz do sol. São claras, transparentes e obedecem a objectivos nobres: melhorias e condições económicas das classes trabalhadoras que vivem numa miséria angustiosa e defender as regalias que ela ardutamente conquistou, que não se perdem aos seus crimes e a sentença de morte que lavrou contra a República.

Conta-se que no túmulo de Robespierre um espírito escreveu o seguinte epitáfio:

— Transeunte, não lamentas a minha morte porque se eu fosse vivo, tu não existirias.

Este epitáfio assentava-te como uma luva Arlequim que sonhas com a Morgue para a Arreia que se pr estam aos teus designios.

O sr. Filomeno da Câmara instalou-se nas Finanças e o sr. Gomes da Costa instalou-se em Belém

Vão-se entendendo melhor os preliminares da grande festa a que todos nós vamos assistir. Nota-se já que cada um procura ocupar o lugar que as suas ideias, os seus interesses, o seu carácter, julga para si mais próprio nas actuais circunstâncias.

Os militares triunfantes vão consolidando as posições conquistadas — ocupando os lugares que até agora eram ocupados por políticos republicanos. Os chefes militares vão ocupando as várias cadeiras do gabinete, e por este reflexo da maré se vai

O que disse ao "reporter" X João Ferreira, um dos deportados evadidos de Cabo Verde

Reporter X, celebrado pseudônimo de Reinaldo Ferreira, jornalista que se tem dedicado com brilho e pertinácia às grandes reportagens, publicou no magazine *A B C* uma entrevista com João Ferreira «Estofador», um dos deportados que conseguiram evadir-se das terras de Cabo Verde, para onde foram enviados sem prévio julgamento. Dessa entrevista que vem devidamente autenticada por uma fotografia do entrevistado e do entrevistador, passamos a reproduzir, sem lhe adicionar comentários ás suas passagens mais interessantes:

«Basta dar-lhe alguns detalhes... por exemplo: a polícia foi buscar ao Limeiro presos já pronunciados—e mandou-os para África. José Soares, um dos deportados, tinha respondido um mês antes e tinha sido absolvido! Bernardo dos Santos não era preso há sete anos—e só se interessava pelo trabalho, Luís Cardoso—que morreu na cadeia da Praia—nunca tinha sido preso!

—Mas... as confissões...

As confissões... foram a maior infâmia que se conhece na história...

Os presos saiam dos calabouços e eram levados para as azinhas e espâncados até dizerem o que a polícia quisesse obrigar-lhos a dizer. Houve um rapazito de desassete anos que, num calabouço do Governo Civil, esteve sendo martirizado a bengaladas desde a noite até as sete da manhã.

Quasi toda brigada assistiu à este suplício. Depois foram poucos a pouco, abandonando o covil angustiado ante tal espetáculo. Apenas um—que chefiava as feras—é que se manteve, incansável, até de manhã. E por fim, surpreendido pela resistência do pobre rapaz—que estava inocente e que se negou a delatar amigos seus—deu-lhe um abraço, dizendo: «É um homem! E desse ficou marca de sangue na camisa do carregador.

E não foram só suplícios o que aplicaram aos suspeitos. Foi também a pena de morte. Domingos Pereira e Diamantino da Anunciação—foram assassinados. O primeiro estava cego... e a desculpa que deram... é que tinha tentado fugir.

—A volta dos deportados não convém a certos elementos da polícia... Não con-

para receber ou largar passageiros ou carga;

—4º—Todos os transgressores destas disposições serão punidos como desobedientes à lei.

—Quartel General em Lisboa, 18 de Junho de 1926.—Luís Domingues, general.

Notícias várias

O ministro do Interior encarregou os comandantes das divisões de indicarem os nomes das pessoas que devem ser nomeadas governadores civis nas suas jurisdições militares e com a sua responsabilidade.

* * *

Antes de dar posse ao seu sucessor, o ministro das Colónias, general Gomes da Costa, elaborou a seguinte lista de governadores para o ultramar:

Moçambique, general Massano de Amorim; Angola, dr. Vicente Ferreira; Macau, Artur Tamagnini Barbosa; São Tomé, capitão de fragata Moreira Rato; Timor, capitão Franco; Cabo Verde, dr. Miguel de Abreu.

Os respectivos decretos de nomeação ficaram já assinados.

* * *

Alguns dos governadores civis nomeados pelo comandante Cabecadas têm apresentado a sua demissão ao sr. ministro do Interior, mas este reiterou-lhes a sua confiança.

* * *

Foi convidado para segundo comandante da polícia cívica de Lisboa o capitão sr. Alexandre de Moraes, que foi o chefe do estado maior do destacamento n.º 2 da 5.ª divisão militar. O sr. Moraes declinou o convite.

* * *

O coronel Aguas foi substituído no comando geral da guarda fiscal pelo coronel de infantaria sr. António Baptista Justo, que ontem tomou posse do cargo.

* * *

O sr. Ferreira do Amaral e os oficiais que com ele serviram na polícia estiveram ontem na inspecção da polícia de segurança, onde receberam guia para o ministério da Guerra, tendo-se apresentado ali em sequência.

* * *

Se quiser passar uma noite agradável vá hoje ver o mais surpreendente e fantástico «vaudeville» actualmente em cena.

— DE —

Juliano Quintinha

2.º Edição — Escudos 8\$00

A venda em todas as livrarias.—Pedidos à secção de Livraria de *A Batalha*

PST!

Se quiser passar uma noite agradável vá hoje ver o mais surpreendente e fantástico «vaudeville» actualmente em cena.

O DR. DA MULA RUÇA
NO TEATRO
AVENIDA

TEATRO APOLÔ HOJE e todas as noites
OS MILAGRES

DO SANTO ANTÓNIO
Desempenho inegualável
Scenários interessantes

ORIGINAL ENSCENAÇÃO
DE

RAFAEL MARQUES

vém, sobretudo, porque o tribunal veria as bôcas dos réus desdentadas—desdentadas pelos bengalas da polícia.

João Estofador estava elegante. Dei-lhe um novo intervalo para repousar.

—Como estão os deportados da Guiné e de Cabo Verde?

—Já lhe disse: são bem tratados. Não podemos querer-nos nem da autoridade nem da população. Mas o clima é péssimo. Têm morrido alguns. O «Avante»...

—Morreu também?

—Pior do que isso, Enlouqueceu! O Resultado das pancadas que os policiais lhe vieram na cabeça... Foge de noite e anda afastando, sob a tacina, como um fantasma-branco... Salta, corre, cai; contorce-se, baba-se e chora pede em altos gritos que o matem de uma vez... que não quere voltar ao Governo Civil. Onde está, em período de loucura melancólica, soluça como uma criança e suplica que lhe levem a «Violleta», a companheira que lhe ficou em Portugal...

—E os outros?

—Outros passam mal: Muita febre... Falta de trabalho... E a espalharem por afé que estão todos milionários...

Estava finta a entrevista.

—E você?

—Eu? Li nos jornais que a polícia me viu andar por aí! É falso! O senhor que eu saiu que me procurava e por que meu de dei-me encontrar—sabe melhor do que ninguém que é falso. Tenho andado de forma... a não ser visto por pessoa alguma. Dentro de poucas horas—estarei fora do alcance da polícia portuguesa... Mas quando souber que os deportados voltaram e que vão ser julgados—então, estarei eu onde estiver, apresentar-me hei no tribunal. Não temos os juizes—antes pelo contrário: estou ansioso por elas. Até lá—estarei fugido. Tudo menos entregar-me à polícia.

E com um sorriso cruelmente irónico, retomou:

—Seriam capazes até de me obrigar a confessar que os meus pobres pais e os filhos que não possuem tinham sido assassinados... por mim!

OS QUE MORREM

Francisco Manuel Machado

Faleceu ontem o sr. Francisco Manuel Machado, de 71 anos, caixeteiro viajante da casa comercial Joaquim Duarte & C., pai do nosso camarada Augusto Machado, empregado da administração de *A Batalha*.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 16 horas, saindo da calçada da Marujo, 7 (Algés), para o cemitério de Carnaxide.

Salvador Augusto Ribeiro

Promovida por uma comissão de camadas metalúrgicos realiza-se hoje domingo, uma manifestação fúnebre de homenagem a Salvador Augusto Ribeiro, que foi operário metalúrgico da Companhia União Fabril, saindo da rua Gil Vicente, 24, pelas 14 horas, esperando essa comissão que todos os metalúrgicos compareçam nessa manifestação.

Propõe-se fazer a Sala-palatário, ou seja, uma casa dividida por um balcão com rede, que nos impede de beijar os nossos filhos, as nossas esposas e todos os entes que nos são queridos.

Senhor Charula! Não seja carrasco, não queira fazer ressuscitar aquilo que ha 40 anos está posto de parte e ainda com a agravante de sistema penitenciário!

Lembre-se que não nos deve impor a regras de prisão célebre, pois para nos matirizar já chega a grande imundice que ha nas cadeias, onde nos lançam sem se observarem as mais elementares regras de higiene, sem respeito pela nossa saúde, pela nossa vida e pelo futuro dos nossos!

Em 1918, sendo director da Penitenciária e dentro das prisões onde nos encontramos não prejudica a disciplina da Cadeia, que é perfeita como provaram todos os empregados, especializando o sr. Pedro Mesquita, chefe dos guardas, pessoa que conta em cada preso um amigo, com o devido respeito e consideração pelo lugar que ocupa, e podemos afirmar sem receio de desmentido, que só a sua presença chega, para desaparecerem quaisquer atritos que haja!

Propõe-se fazer a Sala-palatário, ou seja, uma casa dividida por um balcão com rede, que nos impede de beijar os nossos filhos, as nossas esposas e todos os entes que nos são queridos.

Senhor Charula! Não seja carrasco, não queira fazer ressuscitar aquilo que ha 40 anos está posto de parte e ainda com a agravante de sistema penitenciário!

Lembre-se que não nos deve impor a regras de prisão célebre, pois para nos matirizar já chega a grande imundice que ha nas cadeias, onde nos lançam sem se observarem as mais elementares regras de higiene, sem respeito pela nossa saúde, pela nossa vida e pelo futuro dos nossos!

Em 1918, sendo director da Penitenciária e dentro das prisões onde nos encontramos não prejudica a disciplina da Cadeia, que é perfeita como provaram todos os empregados, especializando o sr. Pedro Mesquita, chefe dos guardas, pessoa que conta em cada preso um amigo, com o devido respeito e consideração pelo lugar que ocupa, e podemos afirmar sem receio de desmentido, que só a sua presença chega, para desaparecerem quaisquer atritos que haja!

Propõe-se fazer a Sala-palatário, ou seja, uma casa dividida por um balcão com rede, que nos impede de beijar os nossos filhos, as nossas esposas e todos os entes que nos são queridos.

Senhor Charula! Não seja carrasco, não queira fazer ressuscitar aquilo que ha 40 anos está posto de parte e ainda com a agravante de sistema penitenciário!

Lembre-se que não nos deve impor a regras de prisão célebre, pois para nos matirizar já chega a grande imundice que ha nas cadeias, onde nos lançam sem se observarem as mais elementares regras de higiene, sem respeito pela nossa saúde, pela nossa vida e pelo futuro dos nossos!

Em 1918, sendo director da Penitenciária e dentro das prisões onde nos encontramos não prejudica a disciplina da Cadeia, que é perfeita como provaram todos os empregados, especializando o sr. Pedro Mesquita, chefe dos guardas, pessoa que conta em cada preso um amigo, com o devido respeito e consideração pelo lugar que ocupa, e podemos afirmar sem receio de desmentido, que só a sua presença chega, para desaparecerem quaisquer atritos que haja!

Propõe-se fazer a Sala-palatário, ou seja, uma casa dividida por um balcão com rede, que nos impede de beijar os nossos filhos, as nossas esposas e todos os entes que nos são queridos.

Senhor Charula! Não seja carrasco, não queira fazer ressuscitar aquilo que ha 40 anos está posto de parte e ainda com a agravante de sistema penitenciário!

Lembre-se que não nos deve impor a regras de prisão célebre, pois para nos matirizar já chega a grande imundice que ha nas cadeias, onde nos lançam sem se observarem as mais elementares regras de higiene, sem respeito pela nossa saúde, pela nossa vida e pelo futuro dos nossos!

Em 1918, sendo director da Penitenciária e dentro das prisões onde nos encontramos não prejudica a disciplina da Cadeia, que é perfeita como provaram todos os empregados, especializando o sr. Pedro Mesquita, chefe dos guardas, pessoa que conta em cada preso um amigo, com o devido respeito e consideração pelo lugar que ocupa, e podemos afirmar sem receio de desmentido, que só a sua presença chega, para desaparecerem quaisquer atritos que haja!

Propõe-se fazer a Sala-palatário, ou seja, uma casa dividida por um balcão com rede, que nos impede de beijar os nossos filhos, as nossas esposas e todos os entes que nos são queridos.

Senhor Charula! Não seja carrasco, não queira fazer ressuscitar aquilo que ha 40 anos está posto de parte e ainda com a agravante de sistema penitenciário!

Lembre-se que não nos deve impor a regras de prisão célebre, pois para nos matirizar já chega a grande imundice que ha nas cadeias, onde nos lançam sem se observarem as mais elementares regras de higiene, sem respeito pela nossa saúde, pela nossa vida e pelo futuro dos nossos!

Em 1918, sendo director da Penitenciária e dentro das prisões onde nos encontramos não prejudica a disciplina da Cadeia, que é perfeita como provaram todos os empregados, especializando o sr. Pedro Mesquita, chefe dos guardas, pessoa que conta em cada preso um amigo, com o devido respeito e consideração pelo lugar que ocupa, e podemos afirmar sem receio de desmentido, que só a sua presença chega, para desaparecerem quaisquer atritos que haja!

Propõe-se fazer a Sala-palatário, ou seja, uma casa dividida por um balcão com rede, que nos impede de beijar os nossos filhos, as nossas esposas e todos os entes que nos são queridos.

Senhor Charula! Não seja carrasco, não queira fazer ressuscitar aquilo que ha 40 anos está posto de parte e ainda com a agravante de sistema penitenciário!

Lembre-se que não nos deve impor a regras de prisão célebre, pois para nos matirizar já chega a grande imundice que ha nas cadeias, onde nos lançam sem se observarem as mais elementares regras de higiene, sem respeito pela nossa saúde, pela nossa vida e pelo futuro dos nossos!

Em 1918, sendo director da Penitenciária e dentro das prisões onde nos encontramos não prejudica a disciplina da Cadeia, que é perfeita como provaram todos os empregados, especializando o sr. Pedro Mesquita, chefe dos guardas, pessoa que conta em cada preso um amigo, com o devido respeito e consideração pelo lugar que ocupa, e podemos afirmar sem receio de desmentido, que só a sua presença chega, para desaparecerem quaisquer atritos que haja!

Propõe-se fazer a Sala-palatário, ou seja, uma casa dividida por um balcão com rede, que nos impede de beijar os nossos filhos, as nossas esposas e todos os entes que nos são queridos.

Senhor Charula! Não seja carrasco, não queira fazer ressuscitar aquilo que ha 40 anos está posto de parte e ainda com a agravante de sistema penitenciário!

Lembre-se que não nos deve impor a regras de prisão célebre, pois para nos matirizar já chega a grande imundice que ha nas cadeias, onde nos lançam sem se observarem as mais elementares regras de higiene, sem respeito pela nossa saúde, pela nossa vida e pelo futuro dos nossos!

Em 1918, sendo director da Penitenciária e dentro das prisões onde nos encontramos não prejudica a disciplina da Cadeia, que é perfeita como provaram todos os empregados, especializando o sr. Pedro Mesquita, chefe dos guardas, pessoa que conta em cada preso um amigo, com o devido respeito e consideração pelo lugar que ocupa, e podemos afirmar sem receio de desmentido, que só a sua presença chega, para desaparecerem quaisquer atritos que haja!

Propõe-se fazer a Sala-palatário, ou seja, uma casa dividida por um balcão com rede, que nos impede de beijar os nossos filhos, as nossas esposas e todos os entes que nos são queridos.

Senhor Charula! Não seja carrasco, não queira fazer ressuscitar aquilo que ha 40 anos está posto de parte e ainda com a agravante de sistema penitenciário!

Lembre-se que não nos deve impor a regras de prisão célebre, pois para nos matirizar já chega a grande imundice que ha nas cadeias, onde nos lançam sem se observarem as mais elementares regras de higiene, sem respeito pela nossa saúde, pela nossa vida e pelo futuro dos nossos!

Em 1918, sendo director da Penitenciária e dentro das prisões onde nos encontramos não prejudica a disciplina da Cadeia, que é perfeita como provaram todos os empregados, especializando o sr. Pedro Mesquita, chefe dos guardas, pessoa que conta em cada preso um amigo, com o devido respeito e consideração pelo lugar que ocupa, e podemos afirmar sem receio de desmentido, que só a sua presença chega, para desaparecerem quaisquer atritos que haja!

Propõe-se fazer a Sala-palatário, ou seja, uma casa dividida por um balcão com rede, que nos impede de beijar os nossos filhos, as nossas esposas e todos os entes que nos são queridos.

Senhor Charula! Não seja carr

A BATALHA

ATRAVÉS DE ÁFRICA

Ás portas do famoso reino de Benguela

De Lobito a Catumbela—As grandes iniciativas industriais—Cidades que vivem e cidades que morrem—Aspectos da paisagem africana

Primeiras impressões da grande capital do Sul

Lobito, na verdade, tem justificada importância para merecer mais algumas crônicas, de molde a marcar-se, bem, o seu extraordinário movimento que já é o início da grande transformação económica que vai operar-se em algumas terras do Sul de Angola. Para que nessa transformação—cujo principal objectivo económico e comercial é Katanga—possam ficar bem assegurados os interesses portugueses, aproveitando-se a oportunidade para uma expansão comercial e criação de pequenas indústrias, que diversas circunstâncias vão favorecer, muito conviria que estes problemas fossem versados largamente, de forma que os sentissem os que se interessam pelas coisas de África, e se apetrechesssem, previamente, os mais directamente interessados. Porém, os que vão de passagem como eu, e que de tudo carecem de falar um pouco, não podem tratar dos assuntos senão bastante superficialmente. Em todo caso, embora em síntese, a indicação atifica: As principais terras do Sul, no litoral e interior, não podem ignorar que, dentro de três anos, o Caminho de Ferro chegará a Katanga, nem devem, no seu próprio interesse, alheiar-se das consequências económicas deste facto. Katanga e regiões limítrofes são centros de enorme consumo desprovistos, dada a sua aridez, de recursos próprios; de modo que todo o planalto de Benguela, especialmente Baiundo e Bié, ali poderia ter um bom mercado para cereais, produtos agrícolas e hortícolas, ovos e caça; Lubango, e outras terras de Hulha, para ali poderão enviar gado bovino, ensaiando, mesmo, a indústria de laticínios e conservas de carne; e Mossamedes poderá dar enorme impulso às suas magníficas conservas de peixe, também de fácil colocação naquele mercado.

A situação de Lobito, as facilidades e economia de transportes—com vias de C. de F. e marítimas em toda esta região—a boa qualidade e fácil conservação dos produtos a exportar, e outras vantagens a conseguir, auxiliam, vantajosamente, a concorrência dos portugueses e quase garantem o seu êxito. O essencial é a preparação indispensável para a conquista desse mercado. Num momento em que tanto se faz sentir a crise, julgo desnecessário encarecer a importância de que este assunto se reveste, não só para estas terras do Sul, como para toda a província de Angola.

Aproxime-se a hora de largar Lobito, os últimos momentos aproveitados para observar, de perto, o que me falta ver: as instalações do C. de F., suas oficinas, hospital, residências particulares, escritórios, o melhor que por aqui há, exceptuando a estação que não tem a imponência devida, e que, naturalmente, será modificada como muita outra coisa provisória; as repartições públicas, a escola mista, com uma freqüência apenas de 50 crianças, e mal instalada; uma residência de governo, quase apalhada, como convém à representação oficial, e destinada às visitas do governador do distrito e do alto comissariado; algumas casas comerciais com belas instalações camposas; um hotel, mesmo à rez da praia, com comodidades e acoio, embora um pouco caro; os monstruosos armazéns da Aliançada que nunca se dão esvaziados—e não há mais para ver.

No meu bloco de notas encontro, ainda, referência a uma obra que avulta entre as iniciativas locais, conhecida por "Silos" do Sousa Machado, e que visitei detidamente. Trata-se dum Fábrica de preparação e tratamento de cereais, que deve ser igual ao que, no seu género, há de melhor no estrangeiro, com instalações mecânicas tipo Robisson de Rochdale, destinando-a à preparação e valorização de cereais, especialmente do milho cuja humidade perniciosa era causa de grande desvalorização. Esta fábrica, grandiosa, modelar, com enormes armazéns e cais próprio no porto, poderá preparar 240.000 toneladas de cereais por ano, estará pronta em 1927 e custa, aproximadamente, 20.000 contos. Representa um serviço apreciável prestado à agricultura e à cotação do milho colonial português nos mercados mundiais.

Já fora de Lobito, ao quilômetro 3, visitei, também, as "Salinas", empresa nova fundada em 1922 e que tem, actualmente, uma produção anual de 6.000 toneladas de sal; a concessão actual de terrenos é de 20 hectares, mas a empresa pediu mais, e se os obtiver elevará a sua produção a 12.000 toneladas por ano, devendo vir a ser a primeira empresa salineira de Angola.

Para o leitor compreender a importância duma empresa desta natureza num sítio destes, precisa que lhe explique que o sal é um dos produtos que mais caro chega ao interior da África, chegando a vender-se a um escudo por quilo, das raras vezes que aparece. O preto gosta tanto de sal que este constitui, a par do álcool, um dos mais valiosos presentes—mata-bicho—que se pode oferecer a um soberano.

Nestes sítios onde se erguem agora as altíssimas pirâmides de sal, a branquejante ao sol africano, ainda em 1921 não existia a não ser os terrenos improdutivos e encharcados.

Saio de Lobito a meio da tarde, a caminho de Benguela e outras terras muito mais longínquas do sertão. Pernotarei em Catumbela, uma pequenina cidade que já teve grandeza, e depois de visitar a grande fazenda açucareira do Canequel, irei ao meu destino.

O comboio marcha desempenhadamente, até com muito mais garbo do que alguns comboios europeus, e eu entretenho-me a ver a paisagem, dum lado mato altíssimo, esbraseando ao sol, do outro lado verdejantes plantações de cana sacarina; ao longe, a perder-se da vista, o fiosinho prateado da orla do Atlântico, e ao perto, recortando-se no horizonte, as montanhas azuis de Catumbela, os morros do Caundo, de Tata e de Namano, através dos quais vem descendo o rio até precipitar-se em caçoeira.

O comboio diminui a marcha; Catumbela, apenas a 13 quilômetros de Lobito, está perto. Passam pequenas aldeolas indígenas onde, entre fumaradas das queimadas, alguns pretos fazem sua agricultura primitiva. A's portas dos quimbos rapazes negros, seminuas, estendem-se, preguiçosamente à soalheira; outros veem gritar, em silvos estridentes, à passagem do comboio; outros, ainda, arrastam-se até à gare, resquisitando, molemente, as malas aos passageiros.

Apelo-me na gare, entregue aos cuidados do amável sr. Galeano, secretário da câmara, e num rápido olhar sinto a desolação da paisagem, a aridez que rola dos montes, o calor palustre que se evola do solo, qualquer coisa de vagamente triste que nos invade avolumando saudades doentes.

Passo por Catumbela com a supersticiosa curiosidade que nos toma quando atravessamos as cidades mortas. Esta Catumbela, com as suas grandes ruas e casas algo desertas, com o seu silêncio e os seus estabelecimentos quase paralisados, faz-me saudades da sua grandeza que eu não conheci.

E no ar cansado dos seus habitantes, nas suas falas e descrições, sente-se ainda o rumor das comitivas indígenas que desciam dos morros e aquela vinham acampar para a permuta do álcool, da pôlvora, do tabaco e dos tecidos, pelas gomas, borraças, urzelas e marfim.

Hoje só se ouve falar de crise, de falta de dinheiro, de falta de transacções...

O futuro das cidades novas quase sempre implica a ruina das cidades velhas. Mas Catumbela, a 13 quilômetros de Lobito, vai ressurgir sob o novo sol que ilumina esta cidade e, certamente, está destinada a representar, como depósito de frescos, água e mantimentos, um grande papel económico na região.

Uma rápida visita a algumas repartições, estabelecimentos, escola, Associação de Empregados de Comércio e edição da Câmara Municipal extinta, aponta-nos que a povoaçao já teve horas de apogeo.

Um velho colonial a quem me apresentam, numa toada de saudade, queixa-se do abandono dos governos, e fala-me dos velhos tempos de abundância, tecendo-me a crônica doída da época das noitadas fantásticas, com rebitas e batatas regadas a champagne, cervejas e licores, em que pretas e mulatas rojavam seus panos de seda bordados a cores, e não tinham fim as formidáveis bacanais nas sanzas, roletas e bilhares.

Havia dinheiro e alegria a rodos. Morriam como tordos, queimados pelas febres, mas levavam o pão farto de prazer.

Tanto me falam nas grandes do passado, que me resolvo a consultar alguns manuscritos e monografias. Encontro notícia de Catumbela haver sido fundada em 1830, por D. Maria II, com os foros de vila, assentando em terras vermelhas, na margem esquerda do rio, alguns quilômetros da vila actual, tendo-se chamado, primitivamente, Asseiceira, mas não tendo vingado este nome por proferirem os indígenas o nome de Catumbela, derivado da serra do Uche e do Lengue, parecendo-me uma cidade semi-deserta, bem africana, vagamente oriental.

Sente-se que a crise económica lançou aqui, fundamentalmente, as suas garras; mas no esboço da cidade enorme há qualquer razão, que penso profundar, que já me afirma que uma cidade assim não pode morrer.

São enormes as praças, as ruas, os jardins e avenidas; são grandes as casas, os armazéns, terreiros e quintais.

Mas reina um silêncio sepulcral; as casas estão quase desertas; há restos que agradam precupados; e nas casas comerciais não vejo rastro daquelas comitivas da borraça e do marfim, em logias filas de negros que vinham do interior do sertão.

Foi esta a cidade que Cerveira fundou com o seu esforço, e os portugueses ergueram com sacrifícios e cimentaram com o seu sangue.

Afinal, o que aqui veio de triste são os reflexos dum crise geral que tem de passar. Benguela merece um estudo cuidado, vou procurar fazê-lo conscientemente. E penso, olhando a vastidão das praças, das casas, das ruas, que a capital dum grande Império alguém, em passados dias, aqui sonhou.

Benguela — 1926.

Julião QUINTINHO

Através de África

LONDRES, 19.—Na próxima segunda-feira é esperada a esquadilha britânica que efectuou o voo através da África, do Cairo à Cidade do Cabo, percorrendo 14.000 milhas, sem uma simples avaria.

Quatro aparelhos tomaram parte no "raid", todos de marca "Fairey" e equipados com motores "Napier" de 450 cavalos de fôrca, "raid" levado a efecto para demonstrar a segurança e estabilidade da aviação.

Os aviadores realizam hoje a parte mais perigosa da viagem, partindo do golfo dos Leões para voarem 250 milhas sobre terra, na baía de Biscaya, tendo os aparelhos equipados como hidros, desde a sua partida do Cairo, voando sobre montanhas céadas da costa até atingir o curso do Garonne, que seguirão até Bordeus.

Os aviadores efectuam amanhã a etapa Bordeus-Brest, levantando vôo no dia seguinte para Inglaterra. (L.)

Um "trust" inflamável

BUCAREST, 19.—Está quase concluída a fundação dum grande companhia romeno-italiana de petróleos, tendo por fim libertar os dois países do monopólio anglo-americano. (L.)

Sobre o povo pesa a ameaça do estabelecimento da pena de morte. Se essa monstruosa ideia se pretender consumar um recurso resta aos liberais: rebelarem-se contra essa tentativa infame.



A extinção das Escolas Primárias Superiores

Um protesto dos alunos junto do actual ministro da Instrução

O governo militar e militarista deitou abusos às Escolas Primárias Superiores, gesto esse que caiu no desagrado das classes operárias, visto serem a estas, especialmente, que se destinavam aqueles establecimentos de ensino.

As Escolas Primárias Superiores surgiram em decreto, em 1911, quando os famosos propagandistas do "bacalhau a papo" ainda não tinham esquecido as promessas feitas nos idealísticos e rugidores comícios efectuados no tempo da monarquia. O decreto fixou: sendo durante sete ou oito anos um pedido de papel contendo uma afirmação platónica, visto que só depois desse longo prazo é que elas se fundaram.

Guerreadas insistentemente nas regiões do Terreiro do Paço, combatidas até por individualidades que predominam noutros ramos do ensino, sua existência tem sido precária e deficiente. A política, com o seu grande e infernal poder destruidor, apoderou-se delas e desprestigiou-as atrair-lhes com professores sem competência e sem vontade de trabalhar, que as aceitaram como um pretexto para viverem, sem incômodos nem atrapalhas, à custa do Estado e, portanto, do país que sustenta o mesmo.

A maioria das oficinas de carpintaria, fundição, serraria, tudo com bastante movimento, há a fabricação de óleo de palma, com uma produção de 50 toneladas; cultura de algodão, de 5.000 toneladas; e exploração de salinas donde extraem 4.000 toneladas de sal.

Numa dependência encontrai muito boas instalações, sistema "Egrot"—Paris—para fabricação de álcool industrial, pelo aproveitamento dos melacos de açúcar e que poderá produzir 30 hectolitros em 24 horas.

Não chegou a funcionar devido aos encargos tributários e legislação confusa.

Para movimentar todas as secções do Casquel trabalham aqui 2.200 indígenas, 55 portugueses brancos, sob a gerência do sr. Machado da Fonseca, agricultor diplomado, estando os serviços técnicos a cargo do engenheiro alemão Otto Kanker.

O Terreiro do Paço, como ainda ontem demonstrámos, fez o que pôde para prejuízo das Escolas e o decreto que as suprimiu constitui o seu derradeiro golpe mortal.

A este assunto nos havemos de referir, mais de espôs. Por agora, limitamo-nos a reproduzir a cópia dumha representação que um grupo de alunos das Escolas Primárias Superiores procurou ontem entregar ao ministro da Instrução.

A referida representação está redigida nos seguintes termos:

"Exmo Sr. Ministro da Instrução—O decreto 5787—13, de 10-5-1919, ao fundar as Escolas Primárias Superiores, trouxe às classes pobres uma regalia que até então não possuíam, criando-se o ensino popular médio, como complemento da Escola Primária Geral.

Por circunstâncias várias, foi essa benéfica instituição guerreada, desde o seu inicio, talvez porque se reconhecesse, bem desumanamente, que a pobreza não tinha direito a adquirir o pão espiritual de que carece para a luta pela vida, pois impossível se lhe torna obtê-lo em qualquer estabelecimento de ensino médio oficial, atenta a enorme carestia de livros, propinas e outros encargos, que a bolsa de um proletário nunca poderá suportar.

Por tal motivo, todos os ministros que antecederam V. Ex.º determinaram medidas que visavam a sua extinção parcial ou total, reconhecendo a necessidade de suspender a execução dos respectivos diplomas, enquanto outro organismo idêntico ou mais perfeito não viesse substituir o existente.

O diploma que vem de ser publicado extinguirá as Escolas Primárias Superiores, vendo afetar profundamente os interesses da sua população escolar, no presente e no futuro, fechando-se-nos inicamente as portas do único estabelecimento de ensino, cuja frequência era acessível aos parcos salários que nossos pais ganham à custa de um rude labor.

E porque V. Ex.º não será insensível perante a misérable situação que esse decreto nos cria, ousamos solicitar que seja sustada a execução, permitindo-se-nos a freqüência regular, até que outros organismos escolares a criam por V. Ex.º possam vir substituir as E. P. S. com vantagem para nós e para o Estado, e assim cumprirá V. Ex.º o sagrado lema com que foi implantada a República: Instrução! Instrução!

Os delegados do Gremio dos Professores de Ensino Primário Superior procuraram avistar-se ontem com o sr. ministro da Instrução para lhe solicitar um rigoroso inquérito à capacidade profissional dos professores da E. P. S. e a publicação no "Diário do Governo" dos diplomas das suas habilitações, constantes do cadastro existente na respectiva repartição. Como se ex.º se não encontrasse no ministério resolveram voltar ali amanhã.

Realiza-se na próxima terça-feira, pelas 21 horas, na rua António Maria Cardoso, 20, uma reunião de delegados por oficinas de todas as especialidades gráficas, para iniciar trabalhos que têm por objetivo o robustecimento da organização gráfica, pondo em prática as deliberações do último congresso corporativo.

Estão sendo distribuídos convites especiais, sendo de esperar que todos os gráficos reconheçam a necessidade imperiosa de se interessarem por esta reunião, nomeando em todas as oficinas delegados que deverão ser os colegas mais esclarecidos e ponderados para que com proficiência se possam desempenhar dos importantes trabalhos que é necessário pôr em prática.

Por ordem dos trabalhos é a seguinte:

1.º—Constituição da Comissão Organizadora do Sindicato de Indústria Gráfica, que se desdobrará em 3 sub-comissões, a saber:

a) Comissão elaboradora do Regulamento do Sindicato de Indústria Gráfica.

b) Comissão de Relações Inter-sindicais.

c) Comissão de estatística.

2.º—Constituição da Comissão elaboradora da Organização de Trabalho nas casas-de-obra.

3.º—Vários assuntos.

A grande festa de hoje no Jardim Zoológico promovida pela Liga dos Amigos dos Hospitais

E' finalmente hoje que a Liga dos Amigos dos Hospitais realiza no Jardim Zoológico uma magnifica festa revertendo parte do produto em benefício da sua obra.

Além das atrações naturais do soberbo Parque das Laranjeiras, haverá das 15 às 18 horas, concerto pelas bandas da Brigada do Corpo de Marinheiros, Batalhão dos Sapadores de Caminho de Ferro, ultimamente reorganizado, e Bombeiros Municipais de Lisboa, que todas capricharão em executar os melhores trechos dos seus repertórios, tocando alternadamente durante três horas.

Terminado o concerto realizar-se-há um chás dancing com o sexteto do asilo Antônio Feliciano de Castilho, devendo reinar com ansiedade a inauguração destas festas. O serviço de bufete está a cargo da Garret.

A entrada do Parque um grupo de gentis senhoras fará a oferta de flores a todos os visitantes e mais longe outro grupo distribuirá balões a toda a petizada que vai ter umas horas de folgado animando também com a sua alegria as umbrosas áreas do vasto jardim.

Os preços não serão aumentados e 50% do produto desta festa destina-se a auxiliar a Liga dos Amigos dos Hospitais que se propõe construir em Lisboa um hospital modelo, provido de todos os confortos e agradamentos modernos, pelo que é de esperar que o público não deixará de prestar o seu concurso a tão benemérita instituição, acorrendo em massa a este festival que os seus organizadores capricharam em tornar o mais brillante possível.

Também com o intuito de auxiliar a mesma Liga, realiza a Sociedade Hípica Portuguesa a sua primeira prova do grande Concurso Hípico Internacional às 16 horas no Campo de Palhava. Provava que estão desvelando o maior interesse, como o de amazões e principiantes que pelos nom